



Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Instituto de Ciências Humanas e Sociais

Departamento de Filosofia

Rodrigo José Roque Queiroz

Niilismo e Black Metal:

Como o pensamento mais radical de Nietzsche influenciou a forma mais extrema de Heavy Metal?

Seropédica – RJ

2016



Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Instituto de Ciências Humanas e Sociais

Departamento de Filosofia

Nilismo e Black Metal:

Como o pensamento mais radical de Nietzsche influenciou a forma mais extrema de Heavy Metal?

Monografia apresentada ao curso de filosofia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, como pré-requisito para a obtenção do título de Licenciada em Filosofia.

Professor orientador: Prof. Dr. Danilo Bilate

Rodrigo José Roque Queiroz

201330037-7

Seropédica – RJ

2016

Nilismo e Black Metal

Rodrigo José Roque Queiroz

Aprovada em / / 2016

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Danilo Bilate (Orientador – UFRRJ)

Prof. Dr. Pedro Hussak van Velthen Ramos – UFRRJ

Prof.^a Dr.^a Ana Claudia Gama Barreto – UFES

Conceito Final: _____

RESUMO

O presente trabalho exporá, brevemente, como o niilismo, tal como foi conceituado por Nietzsche, influenciou de forma profunda o movimento Black Metal Norueguês, mas principalmente, como o Black Metal chegou a quase percorrer todo o caminho que leva ao super-homem, falhando, porém, em sua intenção de fazê-lo.

Palavras-chave: niilismo; Nietzsche; Black Metal; música.

ABSTRACT

This study will outline briefly how the Nihilism, as it is conceptualized by Nietzsche, influenced deeply the Black Metal Norwegian movement, but mainly how the Black Metal reached all the way that leads to superman, failing however in its intention to do so.

Keywords: nihilism; Nietzsche; Black Metal; music.

Sumário

Introdução	6
1. O niilismo de Nietzsche	7
1.1. Do Niilismo	7
1.2. O Homem Moral	9
1.3. Deus está morto	13
1.4. As quatro formas de niilismo	15
2. O Black Metal escandinavo e seus rebentos	20
2.1. A origem de todo o mal	20
2.2. NWOBHM e o cenário escandinavo	21
2.3. Características do Black Metal	25
3. Niilismo e Black Metal	28
Conclusão	30
Referências Bibliográficas	31

Introdução

“Eu vos anuncio – o Niilismo”

Niilismo vem da palavra latina *nihil*, que podemos traduzir, literalmente, por “nada”. O niilismo, tal qual seu significado, é a negação total de qualquer valor, é a perda de qualquer sentido aparente – seja da vida, da existência em si. Imaginemos uma vida onde não há direção a seguir, onde todos os valores que aprendemos – ou nos empurraram? – de repente já não tivessem mais significado; cada segundo vivido, cada instante, cada planejamento, toda e qualquer intenção que tenhamos no futuro ou no mundo, já não importassem mais, perdessem seu “norte”. O que seria de nós?

Nietzsche talvez tenha sido o pensador que mais se debruçou, senão dedicou grande parte de seus trabalhos mais importantes, a essa perda de sentido, a esse obscuro abismo.

Contudo, aqui precisamos tomar cuidado, pois, embora Nietzsche tenha se dedicado sobremaneira sobre o tema, não foi ele que o cunhou, ou seja, o conceito usual de niilismo não é aquele adotado por Nietzsche em sua obra – seja ela publicada em vida ou póstuma. Como já dissemos, o niilismo é a total falta de ideais, de sentido na vida. Nietzsche, em contrapartida, caracteriza “seu” niilismo como o culto aos valores morais cristãos /platônicos, uma vida dedicada ao seguimento de ideais superiores. A partir disso, é seguro dizer que o niilismo de Nietzsche consiste em negar as pulsões em nome de verdades absolutas. Isso significa que deixamos de praticar atitudes por si só prazerosas – sob uma óptica materialista – em favorecimento de valores superiores, valores estes negadores da vida.

Ao longo de algumas de suas obras – tais como *Crepúsculo dos Ídolos*, *Anticristo*, *A Gaia Ciência*, *Além do Bem e do Mal*, *Assim Falou Zaratustra* – Nietzsche vai descrever e antever os sintomas, ao passo que também irá delatar os responsáveis pela negação da vida, os mensageiros do niilismo. Desses responsáveis, algozes da Grande Saúde, aniquiladores nefastos, se encontram o platonismo e o cristianismo. O mundo das ideias de Platão e a moral cristã do ressentimento serão o principal alvo de críticas do filósofo alemão, e o encaminhamento para entendermos como o germe do niilismo se infiltrou em nossa “corrente sanguínea” e adoentou a civilização ocidental.

Capítulo 1

O Niilismo de Nietzsche

1.1. Do Niilismo: Na política, nos movimentos sociais, na literatura e na filosofia de Nietzsche

Foi no início da década de 1880¹ que Nietzsche se deparou com um punhado de textos de autores – seus contemporâneos – a respeito do conceito de niilismo; textos esses, e seus autores, que sofreram influência direta dos movimentos anarquistas que pululavam na Rússia czarista.

Porém, essa história, ou seja, a história acerca da origem do termo niilismo “remonta à época da Revolução Francesa”, como evidencia Muller-Lauter. Segundo o comentador de Nietzsche, o termo *nihiliste* surge como maneira de caracterizar um comportamento de indiferença frente à política e a religião. Quando do uso do termo niilismo na filosofia, ele nos diz: “O emprego filosófico da palavra ocorre primeiro com F. H. Jacobi, que [...] censurava o idealismo (de Fichte) por ser um niilismo. Desde então, o conceito exerce papel em distintas discussões filosóficas e políticas”².

O uso do termo também foi fundamental para os movimentos de lutas sociais e políticas na Rússia, principalmente quando fazemos alusão aos socialistas franceses do século XIX e também aos neohegelianos (esses de posicionamento político de esquerda), considerados niilistas pela filosofia idealista de seus predecessores: Hegel, Schelling e Fichte.

Ainda segundo Muller-Lauter, da Rússia anarquista-niilista, o termo migra para o âmbito das línguas da Europa central, onde influenciará escritores como Ivan Turguêniev, A. Herzen e Dostoiévski. A respeito do primeiro, porém, precisamos atentar para alguns detalhes.

O autor de *Pais e Filhos* reivindicava para si a autoria do termo (*Litteratur und Lebenserinnerungen* – da edição em alemão de 1982, p. 105). As pesquisas de Muller-Lauter se depararam, também, com outros autores, estes seus contemporâneos, que

¹Clademir Luís Ademir, vai ser mais específico e afirmar que foi em 1881 que Nietzsche procurou mostrar a importância do niilismo no conjunto de sua filosofia (Para uma Caracterização do Niilismo na Obra Tardia de Nietzsche. *Cadernos Nietzsche*, vol. 5, p 1)

²Muller-Lauter, Wolfgang. “Niilismo como Vontade de Nada”. *Nietzsche: sua filosofia dos antagonismos e os antagonismos de sua filosofia*, p. 121.

repetiram o mesmo erro de Turguêniev: Gottfried Benn³ e Adolf Stender-Petersen⁴. Contudo, hoje sabemos que outros autores, anteriores a ele, já utilizavam o termo niilismo em suas obras.

Dostoiévski, dentre os autores russos, talvez tenha sido aquele que mais despertou fascínio em Nietzsche. Porém, só recentemente se tomou conhecimento da profundidade das leituras que o filósofo fez sobre o autor de *Crime e Castigo*, mas não desta obra em particular, mas mais principalmente do livro *Os Demônios*. É de outro livro de Dostoiévski, contudo, que Nietzsche vai extrair uma das chaves fundamentais para sua concepção de niilismo, uma frase do livro *Os Irmãos Karamazov*, dita pelo personagem Ivan Karamazov: “Se Deus está morto, então tudo é permitido”.

Ora, a Morte de Deus, anunciada no aforismo 125 da *Gaia Ciência*, ocupa papel fundamental no advento do niilismo na civilização ocidental. Mas falaremos sobre esse evento mais à frente.

Se foi através destes autores apresentados até agora que Nietzsche, até certo ponto, tomou conhecimento do niilismo e suas significações, a figura de Bourget, com sua obra *Essais de Psychologie Contemporaine*, foi quase um divisor de águas, pois será através das leituras desses ensaios que Nietzsche avaliará a civilização ocidental como um corpo doente, carente de sentido e de vontade. Bourget, ao analisar sua época e os fenômenos socioculturais que a precederam, percebe que sua sociedade padece de um mal fundamental que ele vai chamar de “náusea em relação ao mundo”. Essa chamada “náusea” se caracterizaria, segundo Bourget, por uma “desproporção entre as necessidades dos modernos” e “as insuficiências da realidade circundante”⁵. Essa afirmação do sociólogo causou furor quando de sua publicação, porém de forma negativa, justamente porque ela não levava em consideração outras sociedades, onde essa discrepância entre necessidade e insuficiência aconteciam de forma diferente, por exemplo, entre os escravos, a náusea se daria como niilismo; nos germânicos, como pessimismo e etc. Porém, em todas essas situações, Bourget vai encontrar o mesmo sentimento negador dos prazeres, da vida em si.

Contudo, mesmo que Nietzsche tenha encontrado em Bourget um espelho de suas concepções a respeito da civilização ocidental – ambos estão preocupados em diagnosticar a *doença* e em encontrar uma teoria capaz de abarcar a *décadence* de seus

³ Gottfried Benn, “Nach dem Nihilismus”, 1932, *Gesammelte Werke I*, 1959, pp. 156-157.

⁴ Adolf Stender-Petersen, *Geschichte der Russischen Literatur*, vol. II, p. 251.

⁵ Bourget *apud* Muller-Lauter, “Niilismo como Vontade de Nada”. p. 124.

respectivos séculos – as explicações oferecidas por Bourget para a “náusea” não foram amplas o suficiente, não dando, por fim, nenhuma resposta suficientemente aceitável para o espírito de negação.

Nietzsche foi mais além com sua concepção de niilismo do que qualquer um de seus predecessores já foi; ele não só agrupou as múltiplas facetas da *doença* sob o nome de niilismo, como também apontou a “origem” do fenômeno que afligia a civilização ocidental: o nascimento do homem moral.

1.2. O Homem Moral: A moralidade cristã e platônica como enfraquecedora do espírito

É curioso e, ao mesmo tempo, estarrecedor, o quanto de Platão ainda nos guia pelo mundo, nos influencia no modo de perceber e assimilar o sensível e o inteligível. Como neste trabalho estamos falando do niilismo tal qual Nietzsche o entendeu e o disseminou, então podemos dizer, também, que nos apropriamos da filosofia de Platão em seu sentido negativo, ou seja, em seu direcionamento para um mundo além deste – sob a perspectiva nietzschiana.

Ora, sendo o platonismo uma sombra que ainda nos alcança, e como o pensamento é algo extremamente mutável de acordo com as necessidades de adequação (quando é necessário que um pensamento x seja acessível para outras culturas), é seguro esperar que a filosofia platônica se disseminasse e se ramificasse. Na civilização ocidental, um dos frutos do platonismo foi, sem dúvida, o cristianismo – nas suas mais diversas facetas. Assim como o primeiro, o cristianismo ainda está aí, como uma espécie de “santa no altar”, ditando nossos costumes e nossa existência.

Nietzsche nos diz muito bem em dois momentos de cada um dos dois parágrafos do aforismo 6 de seu livro *O Anticristo*:

Um doloroso e trágico espetáculo surge diante de mim: retirei a cortina da corrupção do homem. Essa palavra, em minha boca, é isenta de pelo menos uma suspeita: a de que envolve uma acusação moral contra a humanidade. A entendo — e desejo enfatizar novamente — livre de qualquer valor moral: e isso é tão verdade que a corrupção de que falo é mais aparente para mim precisamente onde esteve, até agora, a maior parte da aspiração à “virtude” e à “divindade”.

E depois:

Denomino corrompido um animal, uma espécie, um indivíduo, quando perde seus instintos, quando escolhe, quando prefere o que lhe é nocivo. Uma história dos “sentimentos elevados”, dos “ideais da humanidade” — e é possível que tenha de escrevê-la — praticamente explicaria por que o homem é tão degenerado [...] Afirmando que todos os valores mais elevados da humanidade carecem dessa vontade — que os valores de decadência, de niilismo, agora prevalecem sob os mais sagrados nomes.

Nos dois trechos do aforismo citado, não precisamos nos debruçar em demasia para supormos de qual “doloroso e trágico espetáculo” Nietzsche está falando. Os valores supremos, os valores niilistas, a perda dos instintos naturais do indivíduo, denunciam o advento do niilismo: a “virtude” platônica e o “divino” do cristianismo.

É com Platão que nasce a filosofia Ocidental e com ele o rompimento com a filosofia pré-socrática e o nascimento de uma nova escola de pensamento, a Academia — e foi dentro dela que o niilismo começou a dar seus primeiros passos em direção ao mundo. É através de Platão que o ser e o devir — Parmênides e Heráclito — se fundem.

O que é o devir, contudo? Como entendê-lo?

Platão se lança sobre o dilema de Heráclito: não se pode mergulhar duas vezes no mesmo rio. Tudo flui, tudo o que era antes, já não é mais. Tudo se transforma, tudo muda, se supera, até as coisas mais pequenas. Nada permanece como está. Se tudo muda, e nada se mantém, então como podemos obter conhecimento sobre as coisas? Como reter a verdade delas? Para resolver esse problema, Platão vai “olhar para os céus” e, enfim, “encontrar” a solução.

Para Platão existem duas formas de conhecer, uma é pelo intelecto e outra pela *doxa*. Dessa maneira, ele cria uma oposição entre sensível e inteligível, um problema que vai ser resolvido ao dividirmos o mundo ao meio: uma metade, o mundo real (a essência, a imutabilidade, a perenidade); outra metade, o mundo aparente (o devir, a mudança). Ora, a obsessão de Platão pela verdade vai levá-lo ao extremo de afirmar que nosso mundo é um espelho de um mundo ideal, ou seja, que tudo que nesse mundo há, é uma imitação de algo que é em si e que habita um plano ideal, o Mundo das Ideias. E a tarefa do filósofo é encontrar esse mundo onde as coisas são perfeitas. O homem é bom, mas o que é o bom em si? Tal algo é belo, mas o que é o belo em si? Esse “em si” é o ideal, é onde o bom, o belo, o justo estão em seu estado de perfeição. E é somente no Mundo Ideal, longe de toda mentira, distante de tudo o que é comum ao homem, sua carne, seu desejo, seu sangue, é onde se encontra a verdade intocada. Todo o resto, toda a mudança, o devir, é apenas uma abstração, uma releitura da realidade verdadeira.

Mas e quanto ao cristianismo? Bem, tanto um quanto o outro, são aparentados. O que muda são apenas os detalhes, as vestimentas, os adereços. A estrutura do cristianismo é a mesma que a do platonismo. Enquanto o platonismo nos diz que a verdade está além desse mundo, num mundo ideal onde tudo é perfeito e verdadeiro, o cristianismo segue o mesmo caminho niilista. Cristo disse que o seu reino não é deste mundo; o cristianismo nos ensina a renegar a vida, a abandonar o que nos é natural, o que nos é mais precioso, a abrir mão de nosso poder de criar, nos amordaça e nos torna pequenos diante de uma verdade suprema, de um além que nos espera e pelo qual devemos viver.

O cristianismo nos exige apenas que nos submetamos a Deus. Mas esse Deus está cego, surdo e mudo. Não nos pode guiar, pois não vê; não nos pode escutar porque seus ouvidos estão tapados; não nos fala porque tiraram-lhe a língua. Deus não está apto a nos levar a seu reino e é aí que as figuras da Igreja e do sacerdote ascendem, pois será através deles que o homem poderá alcançar o Reino dos Céus. O sacerdote, o asceta, é um personagem familiar a Nietzsche, e é ele que irá direcionar o rebanho, fazendo parte de suas vidas, ensinando-lhes a serem submissos, a como agradar e servir a Deus. O sacerdote nos instrui a sermos instrumentos a serviço do Senhor; pelas mãos dele somos ovelhas caminhando em direção ao profundo abismo. O sacerdote grita que nossa realização não está aqui, mas no além, que nada nesse mundo vale a pena, pois a alegria, a felicidade, a verdade está ao lado do Criador. Com isso ele nos quer dizer que nossa vida só se justifica pela vontade de Deus.

Quando o centro de gravidade da vida é colocado, não nela mesma, mas no “além” — no nada —, então se retirou da vida o seu centro de gravidade. A grande mentira da imortalidade pessoal destrói toda razão, todo instinto natural — tudo que há nos instintos que seja benéfico, vivificante, que assegure o futuro, agora é causa de desconfiança. Viver de modo que a vida não tenha sentido: agora esse é o “sentido” da vida. (*O Anticristo*, § 43)

Aqui nasce a oposição entre corpo e alma. Segundo Platão o corpo é uma prisão, e é lá que a alma agoniza e vive em constante oração para que chegue logo o dia em que será liberta. Diante disso, deve-se cuidar dela para que esse dia de liberdade não tarde a chegar. Esse pensamento platônico perdurou na civilização ocidental até hoje, redecorando a subjetividade atual; os cristãos herdaram esses ensinamentos e os encorporaram, deram a eles novas formas, mais brutais, mais assassinas. Com Platão

vieram o homem e o animal, o corpo e a alma; com Platão nasce o dualismo, essa miserável façanha que alcançou seu pensamento. Platão nos partiu em dois.

Platão disse que antes de nascermos nossas almas vislumbraram o Mundo das Ideias e que, após o nascimento, o que temos são vagas lembranças das verdades absolutas que habitam esse mundo. É evidente que o Mundo das Ideias não ganha significado à medida que observamos as imitações que estão no mundo terreno, mas, assim nos diz Nietzsche, através da psicologia cristã, ou seja, dos juízos de valor sobre a vida que advém dela mesma, de uma vida diminuída, oprimida e suprimida, doente, decadente, impossibilitada de afirmar a si mesma e que justamente por isso busca seu descanso em mundos distantes.

É preciso negar a vida para que, enfim, possamos vivê-la. Essa é a nova ordem do dia. A partir dessa aparente contradição é que se encaminha o platonismo e o cristianismo: uma contradição de onde provém o niilismo. Aqui, o escravo, ou seja, aquele que se dobrou sob o peso da moral platônica e cristã, não saberá diferenciar entre criar valores e carregá-los, pois achará que está realizando o primeiro, quando na verdade está perpetuando este último, e com isso ele mais uma vez se dobrará e, alegremente, se voltará ao jugo dos seus senhores. Neste contexto desolador, o papel desempenhado pelo sacerdote asceta se justifica e se potencializa, pois ele será aquele que prescreverá a receita para sanar o homem de toda dor, todo sofrimento, e pestilência, para que seja possível suportar o fardo, justificando-se nessa realidade, permanecendo nela. É esse vampiro moral, o sacerdote, que irá transmutar dor em culpa e encarcerará o rebanho num diminuto e desconfortável cercado, medíocre prisão existencial.

Mas é realmente um médico, este sacerdote ascético? – Já notamos que dificilmente podemos chamá-lo de médico, por mais que lhe agrade sentir-se ‘salvador’, ser venerado como ‘salvador’. Apenas o sofrimento mesmo, o desprazer do sofredor, é por ele combatido, não a sua causa, não a doença propriamente – esta deve ser nossa objeção radical à medicação sacerdotal” (*Genealogia da Moral*, terceira dissertação, § 17)

Está aí o que Nietzsche vê como primeiro responsável efetivo pelo advento do niilismo na civilização ocidental, desde a era clássica: Platão e seu dualismo pernicioso. Nietzsche toma para si a responsabilidade de reverter aquilo que Platão nos fez sofrer ao

longo de dois milênios, o crime de dividir o mundo em dois. Ele quer restabelecer a ordem das coisas, recolocar o homem, recolocar este mundo no centro do Universo.

O cristianismo, por sua vez, tão mal e tão vil quanto o platonismo na responsabilidade de manter nosso mundo nessa divisão, nessa profunda negação da vida em favorecimento de uma existência para o além, manteve o homem sob suas rédeas, impedindo-o de alçar voos mais altos, na direção de ares mais elevados. É contra essa moral de rebanho, é contra esse encarceramento do corpo e da alma que Nietzsche declarará guerra. É contra essa força negadora que Nietzsche fundamentará seu pensamento filosófico. Mas, para que tal guerra possa não só ser travada, mas também vencida, é preciso tomar a maior, a mais hercúlea e a mais difícil decisão: por um fim ao dualismo. E tal empreitada só poderá começar a acontecer de uma forma: precisamos matar Deus.

1.3. Deus está morto! – O grande anúncio

No aforismo 125 de *A Gaia Ciência* Nietzsche escreve:

Não ouvimos o barulho dos coveiros a enterrar Deus? Não sentimos o cheiro da putrefação divina? – também os deuses apodrecem! Deus está morto! Deus continua morto! E nós o matamos! Como nos consolar, a nós assassinos entre os assassinos? O mais forte e mais sagrado que o mundo até então possuía sangrou inteiro sob os nossos punhais – quem nos limpará este sangue? Com que água poderíamos nos lavar? Que ritos expiatórios, que jogos sagrados teremos de inventar? A grandeza desse ato não é demasiado grande para nós? Não deveríamos nós mesmo nos tornar deuses, para ao menos parecer dignos dele? Nunca houve um ato maior – e quem vier depois de nós pertencerá, por causa desse ato, a uma história mais elevada que toda a história até então”.

“Deus está morto” é, sem dúvida, uma das frases mais polêmicas e controversas de Nietzsche. Não só por causa de seu teor claramente provocativo, mas também pelo o que ela encerra em si mesma, uma consequência avassaladora para a civilização ocidental. Por que, porém, ele proferiu tais palavras? Qual a razão de lançar esse maremoto sobre nossas cabeças?

Com essa frase, Nietzsche demonstra a situação em que se encontrava seu tempo, o espírito de sua época. Nietzsche analisa seu tempo e denuncia o niilismo em

que a Europa tinha se afundado. Ora, o importante aqui não é, sem dúvidas, a existência ou não de Deus, mas sim mostrar que a religião e todo seu peso sobre os homens vêm perdendo sua relevância. Seus dogmas e rituais (mas mais principalmente seus valores e sua moralidade) que antes davam significado à vida dos cristãos e lhes davam uma direção a seguir, agora já não mais direcionam. Fraqueza e fragilidade, tal é a religião. E com isso, com sua debilidade, tudo o que por ela foi construído, a metafísica, o encaminhamento do homem para o além, para um mundo separado do terreno, tudo o que é Bem e Mal, também perdeu seu sentido, seu valor. Deus está morto e com ele o chão em que pisamos. Sua morte é, contudo, uma benção e uma maldição. Liberdade, finalmente, para os que afirmam e criam seus próprios valores; maldição para os “doentes” e “decadentes”.

Quando morre, Deus se vai desse mundo como uma verdade imutável e perene, já não é mais ele quem controla o mundo como um cocheiro ao seu cavalo, ele não é mais o pai amoroso e caridoso que a tudo perdoa e que a tudo pune com justiça –*sua* justiça infalível. Ele agora é fraco, produto de almas fracas e tementes. Deus já não é mais o início, nem o fim que a tudo encerra e justifica. Deus morreu, e agora já não somos mais seus escravos, suas formigas operárias. Deixemos de nos preocupar com ele, de nos voltarmos a ele em busca de uma resposta para tudo. A morte de Deus é o evento máximo da modernidade. Vejamos o que Clademir Luís Araldi tem a nos dizer:

A morte de Deus não é um evento fortuito, sem qualquer concatenação com a história da moral; ao contrário, é um evento longamente preparado e necessário no processo de moralização do mundo, que por fim anula o dualismo entre mundo sensível e mundo suprassensível. Assim, a constatação da morte de Deus leva à radicalização do niilismo. (Op. Cit., p. 3)

Nietzsche, ao fazer coro ao Louco do aforismo, está criticando a divisão do mundo entre sensível e inteligível, divisão essa perpetrada pela metafísica e pela religião. Deus é transcendente e como tal ele é o arauto de tudo o que é Bom, Belo e Justo; ele é um valor supremo, sendo assim, ocupa uma posição de “altura” diante do que está abaixo, ou seja, o mundo material, terreno, a vida enquanto afirmação de si, não dual. Ora, para Nietzsche, os conceitos que estão contidos em Deus (o de bondade, de perfeição, de justiça, de onipresença, onisciência, etc) não são características positivas, mas, ao contrário, elas denunciam sua decadência, sua torpeza, são os “sinais distintivos do nada”, pois esses adjetivos não se referem mais a verdadeira essência das coisas (Ibidem). Com a morte de Deus, o mundo que antes fora dividido ao meio por

Platão e pelo cristianismo, volta, enfim, a ser um só, e todo ideal superior, todo ideal transcendente já não possui mais razão alguma.

Contudo, a morte de Deus não acarretará o fim do culto aos valores supremos. O homem moderno, esse “doente” contaminado pelo germe do niilismo, rapidamente achará um antídoto para a dor de sua “perda” e encontrará outro Deus transcendente para entregar sua vida.

1.4. As quatro formas de niilismo – Negativo, Reativo, Passivo e Ativo.

Tão aterrador quanto se perguntar como negar a vida, é se perguntar como fazer da negação uma forma de viver. O homem moral é atraído pelo niilismo em direção ao profundo abismo do nada, um caminho aparentemente sem volta. Aquele que foi acometido pelo niilismo, o niilista, é um juiz impiedoso de si mesmo, dos outros, de cada coisa, da própria existência em si. O asceta, o fanático, o fascista, todos estes estão doentes e, sem saber, seguem para o “abatedouro” como porcos.

O niilista quer continuar a habitar nesse mundo, mas para suportá-lo, para viver nele, ele tapa a realidade com seus valores e crenças doentes. Pois é somente dessa forma que o niilista pode continuar vivendo, de forma decadente.

Nietzsche mergulhou no que ele considerava ser a doença do niilismo, que assolava a Europa, para entender seus meandros e suas consequências, para entendê-lo desde seu tutano: “Da ótica do doente ver conceitos e valores mais sãos, e, inversamente, da plenitude e certeza da vida rica descer os olhos ao secreto labor do instinto de *décadence*” (NIEZTSCHÉ, *Ecce Homo*, Por que sou tão sábio?, § 1).

Em um fragmento póstumo (XIII 9 [35]27-29), Nietzsche considera quatro tipos distintos de niilismo. Trataremos deles segundo a interpretação de Deleuze (*Nietzsche e a Filosofia*, p. 70) É através do niilismo negativo, sobre o qual já falamos indiretamente mais acima, que vivemos sob a égide de dois mundos, da dualidade cósmica do Bem e do Mal, da moralidade platônica e cristã. Aqui o niilista não diz negar o mundo, mas diz afirmar Deus e já aí ele é um negador. Ele cria um mundo onde poderá viver confortável, um mundo ilusório e vazio. Todos os seus atos são, para ele, justificados por Deus, assim como tudo o que acontece em sua vida. Sua vontade está adoecida e tem a necessidade de buscar outros mundos fora desse. Tudo o que jaz nesse mundo é

ruim, e somente Deus pode salva-lo, pois ele é o Senhor dos fracos, dos oprimidos, dos perseguidos e dos cansados: são essas as características do ressentimento.

E qual a situação do niilismo reativo? Deus está morto. O dualismo, que antes imperava, já não existe. Agora o homem está no centro, é ele o divino. Aqui o homem experimenta sua apoteose. Porém, não deixamos de ser religiosos, apenas trocamos de Deus. O Deus agora é o homem e o futuro, é a Revolução que nos redimirá, é a ciência que nos dará toda a resposta. Matamos um Deus fraco e o substituímos por outro Deus que nos escraviza tanto quanto o anterior. Nós deixamos de tentar encontrar a verdade fora deste mundo, porém, agora estamos buscando uma verdade absoluta dentro dele, de um mundo que ainda está por vir.

Já o niilismo passivo é o penúltimo estágio do niilismo e enfim as luzes se apagam. A escuridão, que antes espreitava nos cantos, agora nos assalta e nos consome. É meia-noite e o homem jaz quase sem vontade. As forças para buscar uma razão fora deste mundo estão a ponto de se esgotarem, as energias se esvaíram, todo o sangue escoou, estamos, enfim, vazios.

– e vi descer sobre os homens uma grande tristeza. Os melhores entre eles se cansaram de suas obras.

Uma doutrina surgiu, acompanhada de uma fé: “Tudo é vazio, tudo é igual, tudo foi!”

E de todos os montes ecoou: “Tudo é vazio, tudo é igual, tudo foi” (*Assim Falou Zaratustra*, “O adivinho”)

Somos moribundos à espera da morte. Pouco a pouca a Vontade de Potência se extingui, escoia pelos cantos em filetes constantes, para encher outros rios, para dar vida e afirmar em outro corpo, pois o homem, cada vez mais doente e apático, tem cada vez menos vontade de afirmar a si.

Em todos os tempos, os homens mais sábios fizeram o mesmo julgamento da vida: *ela não vale nada...* Sempre, em toda parte, ouviu-se de sua boca o mesmo tom — um tom cheio de dúvida, de melancolia, de cansaço da vida, de resistência à vida. (*Crepúsculo dos Ídolos*, “O problema de Sócrates”, § 1).

Ora, mas o niilismo passivo é o do último dos homens, esse ser perigoso, um homem sem valor, o “mais desprezível”. Ele não tomou o caminho natural do niilismo, que era tomar a direção do super-homem após a morte de Deus. Ele decaiu e agora

somos como zumbis, mortos-vivos numa lenta marcha. O último dos homens precisa ser ultrapassado para que, enfim, cheguemos ao meio-dia.

O homem moderno passou pelo niilismo em suas três primeiras etapas (negativo, reativo e passivo) como que uma lagarta se metamorfoseando em borboleta. O caminho até o super-homem, ou seja, aquele que ultrapassou a si mesmo e enfim alcançou a façanha de criar valores e afirmar a vida, está na metáfora do Zaratustra de Nietzsche. O homem moral, cuja alma pesa com o acúmulo de valores e pelo peso mastodôntico que carrega, se ajoelha, tal qual o camelo experimenta o niilismo negativo; mas esse peso chega a nos doer as costas e o homem moral já não quer mais carregá-lo – ele, então, mata seu algoz, seu senhor, Deus. Ele reage e rugi no deserto, como um leão exibe sua liberdade, quer ser senhor de si. Mas até isso é perigoso, pois o grande dragão está aí, suas escamas onde o “Não farás” se inscreve em cada escama, o espreita e o tenta desestimular. O leão, o homem reativo, é bravo, corajoso, mas ainda não possui o suficiente para criar novos valores, para ultrapassar o grande dragão. O leão, no entanto, nos abre o caminho para que enfim se possa tornar-se criança. É a última metamorfose, pois a criança é pura liberdade e inocência diante do mundo, é “esquecimento”, é começar do zero, um “sagrado dizer-sim”. A criança é o homem que ultrapassou as etapas do niilismo, e é preciso que tenhamos a criança dentro de nós para negar e então afirmar, dizer sim.

Chegou o momento em que o homem é agora o senhor de seu destino, ele transvalorou os valores. Mas o caminho até aqui é perigoso, existem encostas escarpadas e armadilhas por todos os lados. Para erigir novos valores não é necessário apenas a destruição dos mesmos. Ultrapassar o niilismo, negar toda forma de negação já é se fechar para todo ressentimento, largar mão da vingança. Destruir, mesmo não sendo suficiente, é o primeiro passo. A negação aqui é tão forte que rompe com as forças de reação, virando-as contra si.

Quando falamos de valores, falamos sob a inspiração, sob a ótica da vida: a vida mesma nos obriga a instaurar valores, a vida mesma valora através de nós quando instauramos valores... (*Crepúsculo dos Ídolos*, “Moral como Antinatureza”, §5).

Mas o que de fato é capaz de virar o jogo contra o niilismo reativo e resgatar o homem do vazio? Uma dose certa de Eterno Retorno⁶. Segundo a interpretação de Deleuze, o

⁶Procurando meios para orientar o homem após a morte de Deus, Nietzsche traz à tona a ideia de Eterno

Eterno Retorno gira e gira, é uma força centrífuga que empurra para fora do centro toda fraqueza e vileza, todo corpo doente e fraco, todo ressentimento. Aqui os valores se transvaloram, pois enfim o homem aceitou encarar de frente o “maior dos pesos”.

“Esta vida, como você a está vivendo e já viveu, você terá de viver mais uma vez e por incontáveis vezes; e nada haverá de novo nela, mas cada dor e cada prazer e cada suspiro e pensamento, e tudo o que é inefavelmente grande e pequeno em sua vida, terão de lhe suceder novamente, tudo na mesma sequência e ordem – e assim também essa aranha e esse luar entre as árvores, e também esse instante e eu mesmo. A perene ampulheta do existir será sempre virada novamente – e você com ela, partícula de poeira!”. – Você não se prostraria e rangeria os dentes e amaldiçoaria o demônio que assim falou? Ou você já experimentou um instante imenso, no qual lhe responderia: “Você é um deus e jamais ouvi coisa tão divina!”. Se esse pensamento tomasse conta de você, tal como você é, ele o transformaria e o esmagaria talvez; a questão em tudo e em cada coisa, “Você quer isso mais uma vez e por incontáveis vezes?”, pesaria sobre os seus atos como o maior dos pesos! Ou o quanto você teria de estar bem consigo mesmo e com a vida, para não desejar nada além dessa última, eterna confirmação e chancela” (*A Gaia Ciência*, § 341).

Nietzsche vai apostar suas fichas num niilismo que nega a si mesmo – e somente o niilismo ativo é capaz dessa tarefa. Com a transvaloração de todos os valores, o filósofo do martelo faz à humanidade a maior das exigências. No passado caminhávamos com sofreguidão, afundados até o pescoço na lama do niilismo passivo, um nada de vontade que nos consumia até os ossos. Nietzsche, porém, nos ensinou o bom caminho a ser seguido, ele nos dá o presente da Grande Saúde.

Em qualquer caminho que o homem toque com seus pés, é necessário ter o compromisso de expandir seus conhecimentos e seu coração. Lançar-se sem direção ao desconhecido sem se valer das “tábulas de mandamentos”, mas usando o corpo como único instrumento capaz de dar direção para a relação com o mundo. Não há mais mapas, apenas trilhas, rios e florestas a serem desbravados. O homem agora é livre para criar. Ele nega para afirmar, para dizer sim. O niilismo não é mais uma perdição, mas fonte de vida. Negamos lá para afirmar aqui. É meio-dia, finalmente. É tempo do super-homem.

Chegamos ao fim deste capítulo com algumas conclusões. Uma delas é que o niilismo é o grande acontecimento da modernidade, fenômeno aniquilador que levará o homem a trilhar um perigoso caminho ao abismo, por vezes sem volta. Sabemos

Retorno como possibilidade última de afirmar a vida e o devir. Embora o conceito de Eterno Retorno seja de grande importância para a transvaloração dos valores, não vamos nos debruçar sobre ele, pois trata-se de um tema muito extenso e complexo na filosofia nietzschiana.

também que, embora calamitoso, o niilismo é um caminho necessário para que o homem moral possa ser enterrado e o super-homem, enfim, ascenda.

Porém, tal qual maremoto, o niilismo vai espalhando suas ondas desde seu epicentro, ecoando pelas gerações, contaminando as décadas que vieram após o falecimento de Nietzsche. Ele continua lançando seus raios na atualidade, na política, na arte, na sociedade como um todo. Contudo, e como foco principal deste trabalho, veremos como o niilismo permanece como uma cicatriz profunda na cultura ocidental atual e na música, mas mais principalmente, num movimento tão peculiar, porém caótico – por vezes criminoso – conhecido como Black Metal.

Capítulo 2

O Black Metal escandinavo e seus rebentos

2.1. A origem de todo mal

O ano é de 1982 e a banda inglesa de thrash metal Venom lança seu primeiro álbum, *Black Metal*. A princípio o som da banda em nada se diferencia das demais bandas do subgênero do Heavy Metal: guitarras agressivas e velozes, baterias estridentes e ininterruptas, vocais rasgados, atitude ameaçadora e uma dose de selvageria e originalidade (por originalidade podemos entender uma inexperiência musical, cujo resultado dava frescor e renovo ao gênero). O Venom era mais uma banda promissora que agitava os *pubs* ingleses e que logo ganharia fama e prestígio nos clubes americanos. Mas a história não acaba por aí.

Agregado às demais características do thrash metal, o Venom acrescenta outras duas, inovadoras e surpreendentes: não usam nomes pomposos e glamourosos, mas pseudônimos obscuros, geralmente retratando deuses pagãos; e as letras, em sua maioria exaltando a Satã e o Inferno. Embora não tenham sido os primeiros a abordar temas como o ocultismo e satanismo (Black Sabbath, Pentagram, Blue Östert Cult e Black Widow já tinham utilizado essas temáticas em suas letras), a diferença está, porém, na forma como os temas foram abordados. Enquanto bandas como Black Sabbath e Black Widow contavam histórias de terror com demônios e pessoas amedrontadas, bandas como o Venom não apenas contavam essas mesmas histórias, como também passaram a aderir à temática satânica como filosofia de vida.

O Venom abriu as portas para uma nova forma de fazer música, mas não apenas isso. A banda inglesa quebrou paradigmas morais e religiosos, pois até então o satanismo como entretenimento era apenas isso, entretenimento, jamais levado a sério, ou, se era levado, quase nunca esse dado chegava ao público. Muito embora um músico virtuoso como Jimmy Page, por exemplo, já tinha declarado em entrevistas seu apreço pelo ocultismo e a magia de Aleister Crowley⁷, tendo adquirido até sua antiga moradia.

⁷A Boleskine House pertenceu à família Fraser até o final do século 19, quando foi adquirida por Aleister Crowley. Crowley a comprou com a finalidade de executar rituais mágicos e orgias espirituais. Próxima de água e areia (a mansão tinha vistas para o Lago Ness) – materiais essenciais para práticas mágicas – o ocultista britânico alega ter invocado mais de 100 demônios durante sua estadia, além de ter executado o famoso ritual de Abramelin – que consistia na comunhão com um suposto Santo Anjo da Guarda. Muitas coisas curiosas aconteceram enquanto Crowley era dono de Boleskine, mas talvez o evento mais peculiar

O que se sucedeu aos lançamentos do Venom foi uma saraivada de bandas no mesmo estilo, com letras sobre ocultismo. Porém, o tipo de música feita pelo Venom ainda estava longe do que, na década seguinte, seria conhecido como Black Metal Escandinavo. O que veio em seguida, obviamente, bebeu da fonte dos ingleses, mas o que ninguém podia esperar era o quão grandioso, problemático, emblemático e, acima de tudo, aniquilador, seria esse não apenas mais um dos muitos subgêneros do Heavy Metal, mas seu filho mais rebelde e incontrolável.

2.2. NWOBHM e o cenário escandinavo – Dos subúrbios industriais do Reino Unido às periferias norueguesas

Na década de 1970, bandas como Black Sabbath e Led Zeppelin abriram caminho com sua sonoridade pesada e *riffs* de guitarra bem marcados e ritmados. Eles estabeleceram uma ponte entre a vida maquinal e sem perspectivas dos jovens trabalhadores e a efervescência dos pubs locais, único momento de escape e de uma boa dose de cerveja forte. Contudo, toda uma década de sexo, drogas e *rock 'n roll*, não conseguiu consolidar a primeira onda de metal pesado, pelo menos não quanto às expectativas de oferecer aos mesmos jovens trabalhadores uma ponte de escape. Rompeu-se a proximidade entre banda e público, tão bem construída nos ambientes de camaradagem dos pubs. A pomposidade, a fama, eclipsou a natureza humana dos músicos, transformando-os em deuses⁸. Os jovens desesperançados já não enxergavam mais em seus ídolos seu destino, eles o haviam esquecido.

Os últimos anos da década de 70 foram marcados pelo fim trágico de bandas e de formações lendárias (Ozzy Osbourne é expulso do Black Sabbath pelo seu abusivo uso de drogas e seu comportamento potencialmente perigoso, sendo substituído posteriormente pelo bem mais qualificado Ronnie James Dio; John Boham é encontrado morto afogado em seu próprio vômito). Outras bandas, como Aerosmith e Kiss, foram

tenha sido sua saída às pressas da mansão, que ainda se mantém envolta em grande mistério. O fato é que a Boleskine House se tornaria efetivamente famosa a partir da década de 1970, quando Jimmy Page, à época guitarrista do Led Zeppelin, a comprou, alegando estar “encantado” com o histórico de crimes e horror ligados à casa. E não era para menos, pois Boleskine foi palco de suicídios e crimes hediondos, como quando ainda era uma igreja e foi incendiada com os fiéis dentro. Além disso, no tempo em que Page foi dono, ele mesmo sofreu na pele a fama da casa: Robert Plant, parceiro e vocalista de banda, se envolveria em um acidente de carro e perderia seu filho, após fazer sessões de gravações ali; John Boham, baterista da banda, encontrou seu trágico fim na mansão de Page, quando, no dia 24 de setembro de 1980, bebeu cerca de 40 doses de vodka, desmaiou e foi levado para o quarto. Na manhã seguinte, o baterista foi encontrado morto, asfixiado pelo próprio vômito.

⁸ Por exemplo, Robert Plant, vocalista da Led Zeppelin, era conhecido como Deus Dourado.

gradativamente sumindo ao fundo, não por que haviam deixado de ser importantes (seus álbuns daqueles anos continuariam a ser os mais vendidos do gênero de sempre), mas sim porque, também gradativamente, foram promovendo o afastamento do público com escândalos e afetações.

Novamente a juventude estava sem uma referência capaz de tirá-los de suas vidas despropositadas e regradas demais. As perspectivas para o futuro geralmente eram estudar até ter idade suficiente para trabalhar nas metalúrgicas e siderúrgicas das zonas industriais do Reino Unido, e ajudar no soldo doméstico, que era ralo e precário.

Apesar disso, os pubs continuavam muito bem frequentados e como exigência do público para que a desforra fosse satisfatória (afinal, a carga horária de trabalho na indústria naquele momento era de aproximadamente 16 horas diárias), pequenos grupos, em sua maioria covers de bandas famosas, se apresentavam. Qualidade não era o forte, mas, pelo menos, o som ambiente desanuviava os corpos cansados.

Mas não demoraria muito até que uma nova carga fosse dada ao Heavy Metal da década anterior, com o surgimento de bandas como o Iron Maiden e Saxon na Grã Bretanha e Def Leppard nos Estados Unidos. Geoff Barton, jornalista e colunista da revista hoje extinta *Sounds*⁹, foi quem cunhou o termo New Wave Of British Heavy Metal, dando atenção às novas bandas do cenário. Aproveitando o que Judas Priest e Motorhead (outras bandas proeminentes de Metal da década anterior) deixaram como legado, ou seja, o distanciamento do *blues* e o endurecimento do som com a adição de guitarras duplas e a junção de punk e metal, essas novas bandas apresentaram uma nova forma de fazer música.

Essa nova fórmula incluía um quê de “faça você mesmo”, de independência. As grandes gravadoras ainda estavam presas na crista do Punk, e ignoravam totalmente o que estava acontecendo no “andar de baixo”, no *underground*. Nasciam, a partir desse silêncio da indústria fonográfica, os trabalhos independentes, às vezes até gravações feitas direto das caixas de som usadas nos shows ao vivo. *The Soundhouse Tape*, primeiro trabalho gravado do Iron Maiden, caíria no gosto dos *headbangers*¹⁰ e levaria aquela formação da banda gradativamente para o *mainstream*. A década de oitenta ficaria marcada para sempre como o *boom* do Metal pelo mundo inteiro, uma onda tão

⁹Revista musical semanal britânica publicada entre 10 de outubro de 1970 a 6 abril de 1991. Foi responsável por cobrir movimentos musicais de grande importância como o Punk e a Nova Onda do Metal Britânico. A Kerrang!, atual bíblia do metal, foi criada da Sounds para cobrir exclusivamente o cenário Metal.

¹⁰Batedores de cabeça, ou agitadores de cabeça. Gíria usada para caracterizar os fãs de Metal.

forte de expansão que em pouco tempo transformaria deuses do rock como Led Zeppelin e Black Sabbath em “dinossauros” sem importância¹¹.

Nos Estados Unidos, porém, as bandas que despontaram no cenário metálico foram mais além do que o simples usual das bandas britânicas. Baseados na Sunset Strip de Los Angeles, bandas como Quiet Riot, Motley Crue, W.A.S.P e Rat, influenciadas pelo hard rock e pelo *glam rock* do Kiss e Alice Cooper da década de 70, implementariam mais teatralidade em suas performances, além de quilos de maquiagem, cabelos imensos e roupas muito apertadas. Suas letras eram, geralmente, focadas na selvageria e em temas hedonistas, voltadas para a fama, mulheres, bebidas e glamour. Bon Jovi, Skid Row e Guns N Roses foram outras bandas que surfaram na crista do Metal Americano dos anos 80.

Ao longo da década outros valores e outras necessidades foram agregados à nova onda do Metal, de acordo com as peculiaridades dos locais para onde se estendia. A adição de mais peso e velocidade nas músicas, além de um conteúdo linguístico que ultrapassasse o mítico e o épico (temas abordados por bandas como Iron Maiden, Manowar, Dio, Green Reaper, etc), acrescentando mais humanidade nas letras, foram fundamentais para o surgimento de subgêneros que logo ascenderiam numa cadeia estratosférica.

Garry Sharpe-Young, jornalista e crítico musical neo-zelandês, autor de uma vasta enciclopédia, separa o Heavy Metal em cinco categorias: *thrash metal*, *death metal*, *black metal* e *power metal*.

O subgênero conhecido como *thrash metal* surgiu ainda na primeira metade da década de 80, mais precisamente em 1983, com o lançamento do álbum *Kill 'Em All* do Metallica. O *thrash metal* foi um movimento que teve origem na Bay Area em São Francisco, e tem como principais características o som rápido e violento, riffs de guitarras graves e acompanhados de shred¹². As letras das músicas geralmente estão focadas em temas como o niilismo e questões sociais (abandono, orfandade, violência doméstica, alcoolismo e uso de drogas). Outras bandas proeminentes da cena são Slayer, Anthrax, Megadeth (que, junto ao Metallica, formam o chamado Big Four), Death Angels, Exodus, Testament e Overkill¹³.

¹¹Evidentemente que a influência dessas duas bandas para a NWOBHM é de extrema importância. Contudo, nos tempos em que as jovens bandas eram, sobretudo, arrogantes, no sentido de que tal atitude era bem vista pelos fãs, comentários como esses estampavam capas de *zines* e jornais.

¹²Estilo de tocar guitarra que dá ênfase a técnica e a velocidade.

¹³Na Alemanha também surgiu uma cena proeminente de *thrash metal*, com bandas como Kreator,

O *death metal* é uma evolução do *thrash* em uma variação mais extrema. A MTV New's diz que "a música do Slayer foi diretamente responsável pela ascensão do *death metal*". Esse subgênero do Metal teve sua origem no estado americano da Flórida e Bay Area em São Francisco, respectivamente com as bandas Death e Possessed.

Seu som é geralmente caracterizado por vocais rasgados e extremamente agudos, guturais e agressivos. As guitarras são distorcidas de forma incomum, baterias rápidas acima do normal, e letras cujas temáticas giram em torno da morte, blasfêmia e satanismo.

O *power metal* é um subgênero do metal e surgiu na metade da década de 80, como um antagonista dos estilos mais agressivos e crus, como o death metal e o black metal. Suas principais características são suas guitarras e baterias rápidas, técnica e domínio puro dos instrumentos, vocais harmoniosos, limpos, por vezes líricos. Suas letras giram em torno de temas como mundos encantados, fantasia, ficção científica e sociedades distópicas.

Já o Black Metal pode ser dividido em dois momentos na história da música pesada. Uma primeira metade durante a década de 80, na Europa, com bandas como Venom, Mercyful Fate, Bathory, Hellhammer, etc. E a outra metade no fim da década de 1980, cujas bandas mais marcantes foram Mayhem e Burzum.

O som típico do Black Metal são guitarras distorcidas e afinações graves (tocados no estilo *tremolo picking*), vocais agudos e guturais, climas sombrios, baterias com bumbos duplos e letras geralmente sob o tema do satanismo. Mas nem sempre as bandas se valiam do satanismo como temática para suas músicas, pois também abordavam o paganismo como forma de resgate das culturas ancestrais, antes do domínio cristão. Outras abordagens temáticas e sons diferentes foram agregados ao Black Metal, desde música clássica (Dimmu Borgir, Flashgod Apocalypse) à música folk (Bathory). Fenriz, baterista da banda de Black Metal norueguesa Darkthrone diz: "Tinha algo a ver com a produção, as letras, a forma com que se vestiam e o compromisso de fazer material feio, cru e sombrio. Não era um som genérico"¹⁴.

Sodom, Destruction e Tankard.

¹⁴ Campion, Chris. "In the Face of Death". *The Observer* (UK), 20 de fevereiro de 2005.

2.3. Características do Black Metal

O *corpse paint*, que em português seria algo como “pintura de cadáver”, é uma expressão artística usada pelas bandas de Black Metal, durante os anos 90. Ele geralmente tem o objetivo de parecer pinturas de guerra ou desempenhar feições que caracterizem o ódio e a dor. O significado da pintura vai variar de acordo com cada banda e com cada integrante. Mas seu caráter negador da vida, de apodrecimento dos valores é notório.

Outra característica das mais importantes é a adoção de pseudônimos pelos membros das bandas. Em sua maioria, os pseudônimos são sempre ou de demônios, ou de divindades pagãs e o objetivo é o de afirmar o caráter anticristão, satânico e pagão do movimento.

Mas o Black Metal ficou mundialmente conhecido não apenas pelo seu estilo e imposição musical e visual, mas por uma série de polêmicas envolvendo bandas e fãs. A maior delas foi o assassinado de Øystein Aarseth, conhecido como Euronymous, guitarrista da banda Mayhem, pelo multi-instrumentista e único membro da banda Burzum, Varg Vikernes, com 23 facadas na cabeça e nas costas. Ambos formavam um grupo peculiar chamado Inner Circle¹⁵, que tinha como objetivo retirar da Noruega e demais países da Escandinávia a presença do cristianismo e outras religiões não originárias da região. A sede desse grupo ficava no sótão da loja de discos de Euronymous, Hellvet (Inferno) onde todos os membros se reuniam. Além de vender discos, a loja também possuía um estúdio de gravações, o Deathlike Silence, e foi lá que Mayhem e Burzum gravaram alguns de seus discos. Euronymous só aceitava gravar álbuns das bandas que ele considerava “encarnar o mal em seu estado mais puro”.

Nesse meio tempo, uma onda de queima de igrejas varreu a Noruega de norte a sul. Muitos desses atentados foram atribuídos ao Inner Circle, que não assumiu a autoria de todos eles. O mais famoso incêndio de igreja foi o da Fantoft Stage, que contou com a ajuda de Varg Vikernes.

Outro caso curioso e mórbido envolvendo as bandas de Black Metal e membros do Inner Circle, foi o suicídio do vocalista do Mayhem, Per Yngve Ohlin, conhecido como Dead. Ele deu um tiro na própria cabeça depois de ter cortado os pulsos e a

¹⁵ O Inner Circle era um grupo formado por membros de bandas ou simpatizantes do movimento Black Metal. Seus membros alegavam proximidade com ideais satânicos e misantrópicos. O Inner Circle estava mais para uma espécie de clube privado onde apenas os que encarnavam a forma mais pura de mal poderia entrar.

garganta. Ao saber do suicídio do colega de banda, Euronymous, imediatamente foi à loja de conveniência mais próxima e comprou uma máquina fotográfica, posteriormente tirando várias fotos da cena da morte. As fotos tiradas por Euronymous foram usadas na capa do bootleg *Dawn Of The Black Hearts*. Diversas teorias surgiram após isso: muitos disseram que Euronymous possuía pedaços do crânio de Dead, outros chegaram a afirmar que ele comeria os restos do cérebro do amigo.

Chegamos ao fim desse capítulo com considerações a fazer sobre o movimento do Black Metal. Grande parte das bandas citadas aqui é da Noruega. Qual o motivo disso? O Black Metal é de origem escandinava, mas mais principalmente de Oslo. Deve-se a isso o fato de nos referirmos sempre ao movimento como Black Metal Norueguês. Muitos críticos e especialistas conferem um caráter de propriedade em relação ao local exato de origem do Black Metal, muitos deles afirmando que tal movimento, e suas características, só possuem significado e relevância naquela região específica do mundo. Isso quer dizer que, por mais promissoras que tenham sido outras bandas de Black Metal que surgiram em outros países da Europa e do mundo, elas não podem, de maneira total, serem classificadas como o puro Black Metal.

Muitas variantes precisam ser levadas em consideração: as peculiaridades geográficas e climáticas da Escandinávia (as formações rochosas bucólicas e sombrias, a neve constante e a baixíssima incidência de luz solar, com a maior parte do ano mergulhada na escuridão), o quadro físico e psicológico da população (com tendências à depressão e outros problemas de desvio social, como alcoolismo, violência doméstica, vandalismo, roubos, assassinatos) e a deterioração da Igreja e dos valores normativos (um aumento do ateísmo e perda de confiança nos valores morais), foram fundamentais para que o Black Metal nascesse e crescesse nessas condições.

Ele é, diante das circunstâncias, uma contração de uma sociedade niilista, mergulhada em valores niilistas. A sociedade norueguesa em que o Black Metal se criou era baseada em fundamentos religiosos e moralizadores (niilismo negativo) e sua resposta a essa sociedade cristã e moralizada é a destruição de seus ídolos (a queima de igrejas), o incentivo à blasfêmia (satanismo, escarnecimento da figura de Jesus na cruz e da Bíblia) e a construção de uma nova sociedade baseada em outros conceitos morais.

O Black Metal reage ao estabelecimento de uma moral aniquiladora que guia o homem para o além. Mas ora, o Black Metal quer matar Jesus, quer matar Deus, ao

mesmo tempo em que quer substituí-los por Satanás, pelo Inferno, pelo Absoluto Mal. Quer trazer do passado outros ídolos que foram enterrados pela chegada do cristianismo na Escandinávia e colocá-los novamente no altar. No próximo, e último, capítulo deste trabalho, nós vamos, de forma breve e concisa, explicitar as influências que o niilismo conceituado por Nietzsche exerceu sobre o Black Metal, assim como vamos explicar como o movimento norueguês não percorreu o caminho completo do niilismo (da forma negativa até a ativa, a do super-homem).

Capítulo 3

Niilismo e Black Metal

Nos dois capítulos anteriores demos uma pincelada no conceito usual e nietzschiano de niilismo, e uma breve apresentação do Black Metal, suas características e importância no movimento de dissolução (ainda em processo) da cultura cristã na Noruega. Agora, chegamos, enfim, ao ponto principal desse trabalho, explicitar as influências do niilismo de Nietzsche no Black Metal.

Mas antes de iniciarmos o capítulo, gostaríamos de fazer uma ressalva. Não se pode apurar com certeza quais foram as bandas que leram ou não Nietzsche, muito menos quais delas tomaram conhecimento do conceito de niilismo. Porém, o foco desse trabalho não é pesquisar ou ressaltar a relevância disso para a nossa conclusão. Aqui estamos encarando o niilismo de Nietzsche como um acontecimento inerente ao controle humano, como um fenômeno que atingirá o homem com a maior das forças, e essa ação independe do conhecimento ou não que o indivíduo tenha sobre o niilismo. Dito isto, então podemos iniciar o capítulo sem mais problemas.

No primeiro capítulo falamos sobre as quatro formas de niilismo, o negativo, reativo, passivo e positivo. Expomos suas características e como elas se manifestam na história do homem moderno e na civilização ocidental como um todo.

Tendo em vista que o Black Metal é uma contração natural do processo de desenvolvimento do niilismo na cultura ocidental, mas mais especificamente, na Escandinávia, podemos conjecturar que o Black Metal se adéqua em três momentos distintos do niilismo.

Num primeiro momento, percebemos que o Black Metal está voltado para verdades metafísicas. Mas o que isso quer dizer? O Black Metal não é anticristão e contra qualquer valor moral estabelecido pela igreja? Não matou Deus? As coisas não são bem assim. Destruir o cristianismo é a meta do dia, aniquilar os valores cristãos que muito fizeram mal à cultura nórdica como um todo. Até aí tudo bem. A grande questão aqui é que, ao cabo e ao rabo, o Black Metal ainda é uma afirmação de valores e ideais superiores. O Grande Arquiteto não é mais Deus, mas o Diabo, Odin. O Black Metal

ainda permanece com os olhos voltados para o que está além, para verdades absolutas fora desse mundo.

Ele vai fazer tudo o que estiver ao seu alcance para derrubar aquilo que considera perigoso para seu desenvolvimento (a queima de igrejas, espancamentos coletivos, assassinatos de clérigos e desfavoráveis ao movimento). Em seu respectivo momento, o cristianismo também foi responsável por atos como esse, justamente porque seu objetivo era acabar com um ideal contrário ao seu. O Black Metal é reprodutor desse plano fundamental de dominação.

O niilismo negativo passa pelo Black Metal e o coloca não acima, mas apenas ao lado do cristianismo e do platonismo. Verdades absolutas e metafísicas ainda imperam, o mundo permanece cortado ao meio. Agora o culto e as preces estão voltados para o “quinto dos infernos”, para as profundidades.

No segundo momento, o Black Metal encarna a faceta reativa do niilismo. Surge então outra forma de Black Metal, mais politizado: o Black Metal Nacional Socialista. Deus e o Diabo saem de cena, o homem do futuro, a ciência e a política guardam nosso destino. Até o que restou do satanismo como característica do Black Metal se afastou do metafísico, e agora é um ideal estruturado, Satã é uma mera imagem vazia, um símbolo vazio.

Por fim, o terceiro momento é que o Black Metal, tal qual leão, desfez-se dos fardos da moral cristã e platônica, e rugiu no deserto, cheio de liberdade, desgarrado daquilo que o oprimia. Mas sua nova forma não deu fôlego para que o Black Metal continuasse negando os valores aniquiladores até o momento do meio-dia, da ascensão, do super-homem.

Ele caiu no meio do caminho, suas forças se esvaziaram, toda força, toda vontade se foi. Outro momento do Black Metal vem à tona, o Depressive Suicide Black Metal. O desejo agora é pela morte – a morte para dar fim definitivo a dor de estar num mundo medíocre e que não nos compreende –, estamos depressivos, desesperançosos, o ser humano, a condição humana nos dá nojo. O Black Metal abrigou em seu seio o pior dos homens, o último deles. Malditos, vergonhosos, párias.

O Black Metal chegou até aqui com o niilismo, mas não alcançou sua versão positiva. Ele não transvalorou nada, não criou nenhum novo valor, nenhuma nova direção. Ele permaneceu vivendo num mundo dividido e num mundo repleto de nada.

Conclusão

O Black Metal, tão monstruoso, tão demoníaco, tão assustador e revolucionário, falhou em seu projeto de fundamentar uma nova moral, uma nova forma de pensar, de viver. O Black Metal é, sem dúvida, um resultado da doença do niilismo. Como sintoma, ele poderia estar passível de cura. Porém, no fim, o movimento preferiu permanecer afogado, mergulhado no profundo abismo da escuridão.

Não foi Nietzsche quem falhou. Ele construiu um modo de entendimento do niilismo como um acontecimento de grandes proporções que decretaria o suposto fim da civilização ocidental. O próprio Nietzsche nos deu as condições para ultrapassarmos esse niilismo assolador, mas a responsabilidade de atravessar esse rio perigoso de correntezas fortes é do homem. O Black Metal não conseguiu.

O objetivo desse trabalho foi tentar explicitar as mais claras influências do niilismo, tal como estruturado por Nietzsche, na disseminação do Black Metal e seu impacto na Escandinávia. Conseguimos isso, e eis aqui o resultado.

Os sinos dobraram, o relâmpago quebrou o silêncio, os ventos derrubaram as árvores, a noite caiu. Mas no final, a tempestade, a anunciação de uma nova era não chegou a se efetivar. Agora é apenas uma perpétua agonia.

Referências bibliográficas

ARALDI, C. Para uma Caracterização do Niilismo na Obra Tardia de Nietzsche. *Cadernos Nietzsche*, vol. 5, São Paulo: GEN, 1998.

DELEUZE, G. *Nietzsche*. Tradução de Alberto Campos. Lisboa: Edições 70, 2001.

DOSTOIEVSKI, F. *Os irmãos Karamazov*. Trad. de Herculano Villas-Boas. São Paulo: Martin Claret, 2013.

MULLER-LAUTER, W. *Nietzsche: sua filosofia dos antagonismos e os antagonismos de sua filosofia*. São Paulo, 2009.

NIETZSCHE, F. *O Nascimento da Tragédia ou Helenismo e Pessimismo*. Trad. de J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

_____. *Assim Falou Zaratustra*. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

_____. *A Gaia Ciência*. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

_____. *Crepúsculo dos ídolos*. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2006

_____. *O Anticristo*. Trad. de Renato Zwick. Porto Alegre: L&PM POCKET, 2008

ONATE, A. M. *O crepúsculo do sujeito em Nietzsche ou como abrir-se ao filosofar sem metafísica*. São Paulo: Editora INJUI, 2000.

PATTERSON, D. *Black Metal: Evolution Of The Cult*. Londres: Feral House, 2013.